



SEMANARIO HUMORISTICO, THEATRAL E CHARADISTICO

PROPRIETARIOS E DIRECTORES

Redactor principal - ARNALDO RIBEIRO (La Dorna)
 Administrador - CANDIDO TORREZÃO (K K. TO) Carlos Lopes (Selpo) e Arthur Arriegas (Rei Sagara)

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADIANTADO)	REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO	Editor — CANDIDO CHAVES
Provincia — Trimestre 150	T. da Mãe d'Agua, 27 r/c. (A Santa Barbara)	—
Lisboa — Mez 50	IMPRENSA LUCAS	—
Avulso — 10 réis	R. DO DIARIO DE NOTICIAS, 93	PREÇOS CONVENCIONAES

CECILIA MACHADO

Quando o sol, coado pelos vitraes das egrejas, as mais pobres ou as mais ricas, vae incidir sobre os altares ou a capella mór; quando mesmo, n'esses altares, irradiam myriades de lumes, não lhes parece que as flôres que se disseminam por aqui ali ou acolá, teem muito mais brilho do que o astro diurno e, por consequencia, muito mais ainda do que os cyrios bentos?

Não serão, essas flores, distinguindo-se confusamente, que amenisam o quadro quasi atterrador apresentado pelos templos sómente illuminados pela luz bruxoleante das alampadas de prata, cobre ou latão?

Não serão ainda as flores que, collocadas no peito, no cabello, ou na garganta, de uma mulher, lhe dão uma formosura que ella, muitas vezes, está longe de possuir?

E qual de vós, ao percorrer uma planicie árida, como póde ser; por exemplo, uma parte do nosso Alentejo, cujos terrenos são arentos e pedregosos, recamados de pontos negros, resultados de frequentes queimadas; planicie onde a vegetação se resume em cardos e urzes, e cuja arborisação é representada por azinheiros e sobreiros, descascados alguns, cõr de sangue, dando-nos um aspecto do inferno architectado pelos nossos maiores; cortado o seu silencio pela passagem dos cevados seguidos por ciganos montados no extremo das ancas dos magros exemplares da raça asinina, que vão triurando a vegetação característica do terreno; qual de vós não se detera extatico ao deparar uma flôr mimosa que o capricho da natureza fez surgir entre essas urzes e esses cardos, como que em adoração ferverosa, prestes a construir-lhe um templo, com a sumptuosidade d'aquelles que se erigiam ás divindades pagãs, em Argolida ou em Scythia? Nenhum, estamos certos.

E, é por isso, que, extaticos, perante a linda flôr que acaba de brotar no nosso semanario — terreno arido onde tambem vegetam cardos e urzes que o nosso burro se encarrega de saborear — não sabemos alinhavar, a seu respeito,

duas linhas em que se exaltem todos os merecimentos que a exornam. Fechamos portanto o nosso arrasoado



para poder admirar a correcção de linhas do seu formoso rosto, — pedindo a todos façam outro tanto, — o que diz muito mais do que tudo quanto a seu respeito podessemos aventar.

O Casmurro.



QUADRAS SEPARADAS

I
 Os laços dos teus vestidos
 Brancos, da cõr do luar,
 Pela brisa sacudidos
 São pombinhas a voar! . . .

II
 Em trovas cheias de amor
 Vou esutar minha paixão,
 P'ra que saibas quanto dor
 Encerra meu coração! . . .

III
 Quero te junta ao meu leito,
 Quando por Deus for chamado,
 Tê sentir dentro do peito
 Meu coração desgraçado! . . .

VI
 Meu coração d'amor treme,
 Meu coração d'amor chora,
 Ai, geme, guitarra geme,
 Recorda os tempos do outr'ora! . . .

Rei Daros.

NÃO TEEM TITULO

Ao ver uma velhota, fallas mausas,
 Usando vestes pretas e simonte,
 De contas entre as mãos, enorme fonte,
 De historias e momices p'ra as creanças;

Ao v.l-a papar missas e festanças
 Na Estrella, Conceição, na Penha ou Monte,
 E dar receitas mil com que se afronte
 Doença na espinhela ou visinhanças;

Tu julga-l'a devota e bemfaseja
 A ponto de esmolar, da gente seria,
 Uns cobres p'ra cobrir qualquer miseria.

Mas essa que no sacro chão rasteja,
 Ou tem, na Seita negra, onde se acocite,
 Ou falla a Satanaz á meia noite!

K K. To.

Uma campezna entrou n'uma loja de louças, e apontando para um grande vaso de cana, perguntou:

— Quanto custa aquella terrina?
 — Oito vintens, lte responde a dona do estabelecimento.

— Oito vintens! exclama a campezna; é muito cara, e, além d'isso, falta-lhe a tampa. Onde está ella?

— A tampa?! . . . Essa boa! A senhora tem uma consigo que deve servir perfeitamente!

NÃO ACHAM? . . .

O Omnipotente que une fragil barro,
 Que fez Adão e far-me dar um berro
 Quando alguma topsada por'hi ferro,
 Tu me vem affligir com um catharro,

Além de ter ás pipas dado sarro,
 (Algun tambem confesso em mim encerro)
 P'ra nos matar a todos e sem ferro,
 Acaba de crear mais um maaarrro!

E' bem pior o Khune do que um scirro,
 E sobre elle anathemas mil eu jorro
 Quizera poder dar-lhe muito murro!

Mandar-me beber agua! o que eu emb'irro,
 Dizer que só coma herva ou bem não borro!
 Ora pois! . . . Ser Khunista é ser casmurro!

D. Ralleva.

COISAS RARAS

— A livraria da R. do Telhal, com um ramo de louro á porta.

— Onde chegou a literatura! . . .
 — Encontrármos uma peixeira delicada,
 — Qualquer sopeira não gostar dos da guarda municipal.

O CASMURRO NA ÉLITE
HORRIVEL CRIME

Embora na nossa qualidade de *periodiquinhos* estejamos sempre de *papo feito* para receber todas as notícias por mais extraordinárias, *stasaver* leitor amigo, que a noticia de um crime, aponhados de *surpreza* sempre é caso para ficarmos *abanados*.

Narremos

O crime

Ali pelas alturas da segunda columna da terceira pagina do nosso querido semanario, habitava ha tres mezes e um numero — graças a Deus — uma formosa pequerrucha de nome *Matulação*, á qual todos os maraus de ha muito faziam *fosquinhas* quer ao luar — *sótra* — quer á luz do dia.

Na quarta feira passada, estando ella posta em *socego dos verdes mezes gosando o doce fruto*, na companhia da *Maricas*, entra-lhe pela porta dentro o *Zepedro* homem que tem ronha como burro, é *meudo* como poncos e *matuto* como nenhum, o qual — que *azar!* — dando-lhe só o tempo para dizer *Pae e filho*, a assassinou barbaramente com 28 decifrações de ponta e mola.

O assassino ainda tentou evadir-se mas foi agarrado por um *varino* que passava na companhia do velho *Cesilio*, que o entregou a auctoridade que forneceu todas as notas ao *reporter* que nos as transmittiu.

Quem chorava como uma criança era a *Gaiivota* amiga lutima da *defuncta assassinada* morta que pedia ao doutor *Ralleca* a tornasse á vida.

Não será difficil que assim seja, visto que *Alt-Baba* se encontra entre elles.

O criminoso depois de tirado o cadastro foi logo enviado para a *gaiivota*, e... lá está, meus senhores, lá está, no *Quadro d'Honra* que faz mordecar de inveja todos aquelles que ainda não alcançaram tão *honrosa* distincção.



O TEU OLHAR

Eu sei que a primavera tem encantos,
Que a fresca madrugada boija a rosa,
Sei que na luz se queima a mariposa,
E sei tambem que a dor tem muitos prantos.

Sei que na vida mistica dos Santos,
Na lucta pela Fé — luz radiosa —
Se deu uma epopetia grandiosa,
Rasgando da maldade os negros mantos.

Mas não sei a magia d'esse olhar;
Não sei que encantos tem, que me fascina
Por insoudavel ser qual vasto mar!

Não sei onde ha mais luz e mais divina;
Se n'essas noites lindas, do luar,
Se n'esse meigo olhar, que me domina!

Agua Morna.

FOLHETIM

A NOIVA DO MELLO

PARODIA

Offerecida á illustre ANGELA DA LUZ

I
Vi essa *belleza* pela vez primeira n'um espectáculo no theatro Avenida.

O Mello ia commigo.

Ella uma rapariga dos seus desenove annos, cabelo louro, rosto rosado, olhos azues...

Mas que olhos!...

Vestido azul, luva branca, *lorgnon*...

Até *lorgnon!*

Estava n'um camarote de bocca e começou olhando com insistencia para o Mello.

Elle como rapaz ficou logo preso pelo beigo, não vendo outra cousa durante aquella noite.

No fim do espectáculo seria capaz de dizer que a *plastica* do Alfredo de Carvalho era tentadora.

Cheguei a ver deslizar uma lagrima pela face do Mello, por tanto fitar aquella mariposa.

Começou assim aquelle namoro *feliz*.

II

Impagavel namoro!

Que doídice!

A Laurinha dizia só viver para o seu querido Mello!

Estava sempre á janella á espera que elle passasse quando sabisse do escriptorio!

FADINHOS

Ao meu velho K K. TO.

NOTE

Alto, esguio, nariz comprido,
Onde segura a luneta,
Heis aqui, *Cândido* «K K. To.»
Bom amigo e bom poeta.

GLOSAS

Tem o bigode grisalho,
A barba com muitas falhas,
As unhas como navalhas
E os dedos de fino falho.
De gordura muito falho,
Trax largo fato vestido,
Não pôde andar encolhido
E mostra sem embaraços
Grandes pernas, grandes braços;
Alto, esguio, nariz comprido.

Anda sempre a transpirar,
Tem o beque algo rosado,
O qual quando está suado
Costuma andar a pingar!
E' delicado a fallar
E ao vinho não faz careta,
Pois quando tem uma *chêta*
Vae logo um copo beber
E até fica sem saber
Onde segura a luneta!...

No theatro como auctor
Tem causado gran successo,
Com bellas peças em verso
Feitas com arte e primor!...
E' muito conhecido...
De varias casas de pasto,
Já muitas *massas* tem gasto
Por ser amante do bello:
N'um fado feito a martello
Heis aqui *Cândido* «K K. To.»

Não é bonito de cara,
Mas tem toda a primizia
De ter na phisionomia
O nariz por coisa rara.
De certo não se compára
Sua linda *narigueta*,
Com qualquer coisa selecta,
Pois que toda a gente diz
Ser acima do nariz
Bom amigo e bom poeta!...

Rei Sagara.

* Deve lêr-se *Casto*.

O NOSSO CORREIO

Borgesso — Estimamos as melhoras. Mande o que lhe aprouver. Amigos velhos não se olvidam.

As charadas que não sejam *branco* é...
Ermelindo — Pôde entrar e até *sahir*... se com mais original.

Acharat — Idem.

Maricas — Com desconsolo não publicamos o seu *Desconsolo* por via da *pimenta*.

Mande para o nosso collega *A Chalaça*.

A' noite fallava lhe até ás tres da madrugada e nunca tinha somno!

Elle dizia-lhe ás vezes:

— Nunca vae a um baile, a um theatro; não te aborreces?

— Eu!... Se os mais felizes momentos da minha vida são os que passo a teu lado!...

— Como és meiga e boa!

— Como eu te amo e como tu és bom!

Que doces!

III

O Mello ganhava rasoavelmente.

Foi pedil a um dia e o sogro disse:

— Pôde gabar-se que vae possuir a maior joia que Deus deitou ao mundo!

— E a mamã da Laurinha acrescentou:

— Não pôde haver penqens mais arranjada, mais amovavel... E' um anjo!

Era uma santinha!

Que boa esposa ali estava!

IV

Realizou-se o casamento.

A *lua de mel* foi um perfeito lamb-dor!

Que doguras!

Laurinha não contrariava o seu querido Mello na minima cousa!

Que belleza d'hortaliça!

Tres mezes depois de casados, a terna esposa pediu licença ao Mello para ir visitar umas amigas de infancia.

Elle disse-lhe que não gostava que andasse só, mas foi.

Depois pediu lhe que não usasse vestidos tão garridos, e ella respondeu:

— Ora!...

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Pergunta

Tambem eu vou «perguntar»
Uma «pergunta» de esturro:
— «Dorna», «Selpon», e «Rei Sagára»
Qual dos tres é mais casmurro?

João Moreno.

Respostas

Cá na minha opinião
Esses tres rapiqueiros,
São tres casmurros distinctos,
E todos tres verdadeiros.

Borgesso.

Que criterio tão... *pequeno!*
Tal pergunta me faz dó!
— Pois são todos, seu *Moreno*,
Tres casmurros n'um pé só.

El-Mal.

Vou depressa responder
Seu ter muito que pensar;
— São casmurros como burro
Todos tres no matutar.

Cholera-morbus.

Pois dou resposta de esturro
Em verso bem macareno,
Nenhum dos tres é casmurro,
Casmuro é João Moreno.

Veltinha.

As outras que recebemos devem ser publicadas no numero especial do anno de 2400

Lá vac mote

Não me offertes meu amor
Uma essencia mal cheirosa.

Até hoje ainda não recebemos nenhuma glosa a este mote.
Onde estão esses inspirados improvisadores?



AVISO

O administrador d'este semanario considera, como credores, todos os individuos que, não tendo nota especial n'esta redacção, tenham recebido todos os numeros do trimestre findo; e mais previne que, todo aquelle que não devolva este numero, é considerado assignante para todos os effeitos.

Todos os recibos relativos a maio, junho e julho, que não tenham, desde o dia 3 do corrente, o carimbo — *Torre-são* — consideram-se sem valor; e os recibos relativos ao trimestre que começa n'este numero, só são validos tendo o carimbo d'esta redacção.

E um dia, á hora do jantar, quando elle levantou a voz para a reprehender dos constantes passeios, ella, por reaposta, atirou-lhe com um prato á cara!

V

As zangas continuaram, e no fim de seis mezes o Mello já pouco se importava com a sua *caracota* a ponto de dormirem separados!

E a terna esposa sabia e entrava quando muito bem lhe apetezia!

Ja aos bailes com as amigas e correspondia aos galanteios dos frequentadores da *élite* dando occasião a ronar-se que a bella Laurinha tinha um amante, o que não era mentira...

VI

E enquanto o pobre marido *queimava as pestanas*, á luz da vella, curvado sobre a meza do trabalho para angariar os meios a pod'r occorrer ás despesas do *ménage*, ella a infante Laurinha, entregava-se no braços d'outro, dizendo como outrora dizia ao Mello:

— Como eu te amo e como tu és bom!...

E' esta a felicidade que a maior parte das vezes ao homem, honesto e trabalhador, vae buscar ao matrimonio.

Não ha bicho mais ingrato, mais traicoei, que esse animalinho que Deus deitou ao mundo com o nome de mulher!

Vade retro!

Rei Sagára.

NOTA:

As femeas são no mundo emeticas mazellas, Mas apesar de tudo eu sempre gostei d'ellas!



THEATRICES

Convidados gentilmente pelo beneficiado, assistimos, na noite de 31, á recita realisada no theatro das Trinas.

Com referencia ao desempenho de Leonardo o peccador, temos a dizer que só o chaveco do Leonardo—Sabino dos Santos—se salvou da enrascada, embora não estivesse muito certo no papel.

E quanto ao resto do espectáculo occorre-nos o seguinte :

O *Melro*, de Guerra Junqueiro... Oh! que grande melro! Se o auctor o visse fazia-lhe o mesmo que o abbafe fez á pobre avesinha.

E as variações de guita ra, muito variadas sem variação, embora o amador possa ser um bello executante. Quanto a fado, para palco... não nos parece.

O *Zé do Bombo*, Arthur de Oliveira, sempre o mesmo.

Rei & K k To.

AMADORES

Os senhores sabem-nos dizer onde teve origem o theatro?

Decerto que nem todos responderiam a esta pergunta, se, á queima roupa, lh'a fizesse, fosse quem fosse.

Pois o theatro teve a sua origem na Grecia e na Italia, sendo a sua construcção primitiva em madeira, construcção ligeira e provisoria que se armava e desarmava á vontade do emprezario, se o havia, pois que a nossa erudição sobre este ponto não chega a tanto poder ahrmar.

O desenvolvimento dado a essas casas de espectáculo tornou-se porém necessario um dia, em resultado de cada vez mais e mais se accentuar o gosto pelos espectaculos, e consagraram-se edificios permanentes ao genero de produções chamadas dramaticas, edificios para os quaes, a breve trecho, se creou uma architectura especial.

Que imaginam d'estas construcções? Estão talvez a vêr barracas de feira com paradas onde os Villar do tempo annunciavam espectaculos apresentando gerações de virgens de algodão em rama, ou fazendo monices com o palhaço, dando a sua bofetada simulada?

Estão muitos enganados. O theatro grego construia-se na vertente das montanhas, em cujos flancos se moldavam numerosos assentos para os espectadores, escolhendo-se para assentar o palco o terreno plano.

E tanto cuidado lhes merecia esse palco, que, se o terreno era accidentado, construia-se uma especie de hemicyclo convergindo para a scena propriamente dita, como se pôde vêr nos amphitheatros de que a Italia ainda conserva tantos exemplares.

A parte destinada ao espectador era descoberta e chamava-se *koilon*; subdividia-se em andares, por meio de corredores, e em compartimentos por meio de escadas que todas convergiam para o centro.

E o espectador achava-se tão bem installado, que até as proprias refeições podia tomar no theatro, sem perder um só movimento do actor, visto haver recitas que se prolongavam dias inteiros.

E, no entanto, estamos convencidos que, apesar do atraso da epocha, esses espectadores não deitavam os ossos das gallinhas para cima dos outros, nem mesmo entornavam o vinho no chão dos seus compartimentos.

(Continua)

K k To.

C ESTO DOS PAPEIS

Vamos inaugurar esta secção para os rivaes de Camões e Bocage.

Se elles ainda vivessem decerto quebrariam as pennas vendo a sua incompetencia perante estes sublimes vates da actualidade.

Abrimos a secção com o sr. *Areco*, o qual se não é o macho d'aquelle pó japonês para limpar os dentes, deve-se ter esquecido de addicionar um T ao pseudonymo afim de ficar o mais borralheiro bi-chano que o deus dos felinos deitou ao mundo. Olhem p'ra m'isto :

EPITAFIO

Aqui já's n'esta Sepultura
Desconça o eterno reponso,
chamava-se Mescussa
Mais a pena era ser doido.

Areco.

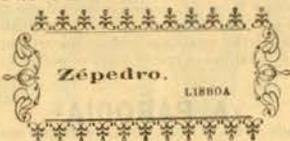
Quem é doido?

(Continua).



MATUTAÇÃO

QUADRO DE HONRA



Decifrações do ultimo numero
Charadas em phrase : Sape, Fragata, Viva a reacção do Casmurro, Calamina, Yespa Vianna Doente, Mulatinha, Robalo, Saloia, Aves-Marias, Larica, Catarata, Caravela, Regulador.

Em verso : Caparica.
Crescentes : Armamar, Reinado, Sacavem.
Augmentativa : Carta, cartão.
Maçadas : Valle de Santarem, Carrazede d'Ançães, Santarem.

Perguntas : Abrigada, Ovar, Typographicos, Visconde, Malvado, Resolvido.

Logogrifho : Elmano illustre vate da mocidade

Decifradores
Zepedro (29), I. S. (29), Ali Pio (29), Henjona (28), Serep (27), Camillo (27), Ralleva (26), Conegundes, (25), Zarelho (23), Bibi (23), Velhinha (22), P.P. Ka (20), Poeta da fome (19), Ma Kareno (18), Borgesso (18), Stasaver (18), Dogma, (17) Remijo (16), Ozordep (15), Miguel (14), Maviquinhas (12), Macio (10), Odnamra (9), Zizi (9), Mega (9).

CHARADAS

Em phrase :
Este Deus suspende o animal e o homem — 1, 1, 2.

Paz-vobis.
No rio coiza nenhuma nos refresca — 2, 2.

Oliveira.
Esta vogal do livro todos temos, porque sem elle se morre — 1, 1, 2.

Otnipallio.
Pus na relação um ignorante — 4, 2.

Zepedro.
Não fique na lembrança a piscinha, porque tem dentro esta menina — 1, 1, 2.

Na carne amarra este ventilador — 2, 1.

Stasaver.
Suspende na batalha e no succo d'esta planta — 1, 1, 1.

Pio-Arcial.
Este peixe estava alegre no regimen'o — 3, 2.

Surpreza.
Esta quantidade prende este insecto — 2, 2.

Ma Kareno.
Este homem delicado é homem — 2, 2.

O dono d'esta viscera é homem — 2, 1.

E' imperceptivel esta villa n'esta terra portugueza — 1, 2.

Dá vida e não é boa quando offerece os navios — 1, 1, 1.

Em junho estudei esta vogal n'este homem — 1, 1.

Offerece a nota no salão este homem — 1, 1, 1.

Não é boa esta bebida com a nota n'este appellido — 1, 1, 1.

Aqui esta parenta é para escrever — 1, 2.

Esta flor não é má n'esta cidade — 1, 2.

Esta vogal que na gravura tem o dedo no fim do corno dá satisfação — 1, 1, 1.

Estou contente por onde ando com esta melodia — 2, 2.

No mar todos temos este peixe — 1, 1.

N'este momento aqui está na musica o animal — 1, 1, 1.

Todos temos quem vigia esta embarcação — 2, 2.

Na batalha o seixo é peixe — 1, 2.

Vogal em Tavora é cidade — 1, 2.

Parente em Torquel é homem — 2, 1.

No cemitarío ha este terreno — 2.

E' fardo este emprego — 2.

Este festim é repartir — 2.

Este vento é ligeiro — 2.

Esta vasilha está n'este estabelecimento — 2.

Biformes

Onde as abelhas põem o mel come-se este legume — 2.

Combinadas :

- 1.º + va = Tiro
- 2.º + ra = Terra portugueza
- 3.º + ro = Homem
- 4.º + la = Do pintor Peixe

Rei Burlario.

- 1.º + mo = Medida
- 2.º + ra = Na epingarda
- 3.º + ma = Na arvore Mulher

Galvota

Bullautio.

Syncopadas

3 — N'esta villa está esta mulher — 2

3 — Vieste peixe a comer outro peixe — 2.

Reporter.

Aejea.

Em triangulo

- * * * * * Flor
- * * * * * Flor
- * * * * * Nas aves
- * * * * * Caminhe
- * * * * * Vogal
- * * * * * Fosguintas.

addicionadas :

Que grande cara — 2
— ma —
Marisco — 3

Medida antiga — 2
— Mi —
Mulher — 3

Creada — 2
— i —
Paiz — 3

Fosguintas.

MAÇADAS

Formar com estas palavras uma saudação a um jornal :

Co'io dira classe de fumar

El-Mal.

Formar nomes de terras portuguezas com as letras das seguintes palavras :

Resa tola

O padeiro dá nova tosa

Varino.

Reporter.

SADO VÊ FINO CAVALLO

Galvota.

Maria não tem bidé !...

Zepedro.

A novena porca

Lou.

PERGUNTAS

Qual é a terra portugueza que perfuma ?...

Zé Bento.

Qual é a terra portugueza que tirando-lhe a ultima letra não é christá ?...

Fosguintas.

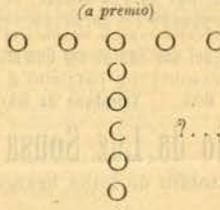
ENYGMAS

Typographicos :

Mz — A Notas Nota Notas Nota Nota I appellido unha — R.

Surpreza.

(a premio)



Zepedro.

LOGOGRIFFO

Caminha mui lentamente — 1, 22, 19, 4, 12, 5, 10, 4.

Esta mulher tão formosa — 8, 18, 9, 14, 20.

E no leão, certamente — 19, 4, 14, 21, 4.

E' flor fresca e viçosa. — 21, 5, 17, 20.

Apezar da tua sina — 17, 5, 12, 11, 15.

Affirmar que és um malvado — 3, 2, 7.

Encontras em sala fina — 7, 9, 10, 11, 14, 13.

Mulher de quem és amado. — 6, 21, 16, 20.

Leitor, a decifração

E' sincera saudação.

Dulcinéa.

Joaquim Domingos de Oliveira

COM

ARMAZEM DE VIDROS

Christaes, vidraças, louças, jarras, candieiros e outros objectos.

Vende vidros para carruagens e armações de lojas e manda pôr vidros em caixilhos.

Vende por atacado e a retalho

46-Rua de S. Paulo-48

(Proximo ao Arco Grande)

JOSÉ VICENTE D'OLIVEIRA & C.^a
RIO SECCO-25

Antigos fórnos de cal e matto.
Cal em pé e em pedra para estuques. Cascalho, morraça, granito para betonilha, etc.

JAZIGOS

Subterraneos e de capella de 200.000 réis para cima ha feitos e fazem-se a prompto e a prestações, para Lisboa e provincias; urnas para o-sadas e adultos; Christos e castiças em marmore, etc.

10-Rua da Assumpção-12

JORGE A. DA CRUZ

JOSE MOREIRA RATO E F.^{os}

OFFICINA de cantaria e esculptura

Depositaria de todos os productos ceramicos da

FABRICA DE PALENÇA

31. Trav. do Corpo Santo, 33
1, R. Nova do Carvalho, 5
Deposito de materias para construção
R. 24 DE JULHO
(Proximo ao quartel dos marinheiros)

Francisco do Nascimento

Latoaria de folha em branco e trabalhos em zinco
37, Estrada de Campolide, 38

FABRICA NACIONAL

DE

Papeis pintados, couchés e de luxo

25. Rua de S. Sebastião da Pedreira, 27
DEPOSITO

102, Rua Nova do Almada, 104
Grande sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros, oleados, tapetes, moveis e estofos.
José Miguel dos Santos em Commandita
SUCCESSORES DE CALLADO & C.^a
Telephone, 603 Telephone da fabrica, 878

Antonio da Luz Sousa Leal

Latoeiro de folha branca

Empreiteiro da Companhia do Gaz, encarrega-se de e-nalisação de agua ou gaz. Encarrega se por empreitada ou jornal de todos os trabalhos pertencentes á sua arte, quer em zinco, chumbo ou ferro galvanizado.
Rua de S. Marçal, 47

LYRA CARVALHO & C.^a

Commissões e consignações

Cimentos nacionaes e estrangeiros, ladrilhos, azulejos, mosaicos em todos os padrões e diferentes outros materiais de construção.

Unicos importadores do bem conhecido cimento marca **EELPHANTE**.
CHIADO, 10 12
Telephone n.º 699

MANOEL JOÃO DA COSTA DOURADOR

141, RUA DO SALITRE, 143 - LISBOA

Encarrega-se de dourados e pinturas em egrejas, salis e theatros, mobílias e molduras em todos os generos, imagens, adreças e ornamentações em cartão, pasta etc. concertam-se louças de todas as qualidades com a maxima perfeição.

"A PARODIA"

Vende se a colleção completa. N'esta redacção se diz

ANTIGA DROGARIA

DE

A. Carvalho J.^{os}

SUCCESSOR

JOSÉ HENRIQUES

33 - Praça das Flores - 33
LISBOA

Oleos, tintas, vernizes, gessos, cimento, enxofre e tudo mais inherente ao seu commercio.
Preços imitadissimos e para revender



EMPRESA FABRIL

Augusto Prestes & C.^a

SUCCESSOR

Fornecedores de Suas Magestades e das repartições publicas, fabricantes e importadores, empreiteiros de canalizações. Officinas mechanicas de serralheria, torneiros, marceneiros, nikelagem e bronzeador. Fundição de metaes.

23 a 41, Rua do Instituto Industrial

ESCRITORIO E ARMAZ. M

38, 40, Rua da Boa Vista, 42, 44

Telephone n.º 498 - Endereço telegraphico, NIKEL.

ERNESTO EDUARDO CUTRIM

COM OFFICINA DE

SERRALHEIRO E TORNEIRO

13, Rua dos Industriales, 15

(A' rua de D. Carlos I)

Encarrega-se de todos os trabalhos mechanicos, civis e agricolas. Grande variedade de desenhos em ferro laminado e fundido, para gradeamentos, corrimões, grades para escadas, portões, claraboias, estufas, etc., tambem construe tod as ferramentas para fabricas de conservas e officinas de funileiro. Satisfaz todas as encomendas para Lisboa, Africa e Brazil, com a maior perfeição a preços reduzidos.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

DA

Viuva Thiago da Silva & C.^a

94, Praça de D. Pedro, 95

Officinas de serralheria e de dourador e bronzeador de metaes—Premiado na Exposição Industrial Portuguesa de 1893 com a medalha de grande merito e menção honrosa — Grande sortimento de talheres com cabo d'ebano, metal branco e cristofle, canivetes, thesouras, bandejas, serviços para chá e café em metal branco e cristofle e outros artigos para uso domestico. Executam-se trabalhos para grandes e pequenas construções com variadissimo sortimento de artigos de ornamentação em todos os generos e estylos Exposição permanente.

ESCRITORIO E DEPOSITO

Rua das Portas de Santo Antão

CASIMIRO JOSÉ SABIDO & IRMÃO

Estrada de Campolide, 161

Fornos de cal a matto e a carvão. Cal em pedra para estuques e embarques materias de construção. Alvenarias, vidraça, granito e areia da terra e do Alentejo.

Fabrica de Productos Ceramicos no novo Bairro de Campolide.

A GRUTA AZUL

DE

LACERDA & REIS

Ourivesaria, Relojoaria e Joalheria

Fornecedor da caixa de Soccorros da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Grande novidade em objectos d'ouro e prata proprios para Brindes—Grande sortido em relógios d'ouro, prata e aço—Encarregam-se de todos os conceitos em objectos do ourivesaria e relojoaria — Comprim, vendem e trocam ouro, e prata e pedras finas — Vendem ouro e prata a peso.

55 A 57, Rua da Palma, 55 A 57

ESTANCIA DE MADEIRAS

DE

Jacinto Soares

da Silva Pereira & C.^a

Rua da Boa Vista, 69

Arcada do predio que foi de Ferreira Pinto com serventia para a R. Vinte e Quatro de Julho
Telephone n.º 216

Sortimento de madeiras o mais e mpleto que existe em Lisboa, para construções civis e navaes e obras de marenaria.
Pr ços muito resumidos.

Grande deposito a Pampulha

DEPOSITOS

DE

MATERIAES DE CONSTRUÇÃO

De F. H. d'Oliveira & C.^a (Irmão)

628 - Rua 24 de Julho - 6.2

Numero telefonico, 128

Madeiras nacionaes e estrangeiras. Cantarias, lagados e escões. Fabricas de cal, ladrilhos, mosaicos, polvora e exploração de pedreiras no Casal do Alvitto — Alcant'ara e Paço d'Arcos. Exportação para a Africa, Brazil e Ilhas. Escriptorio, Rua Vinte e Quatro de Julho, 632.

ANTONIO JOSÉ MOREIRA

COM

Officina de cantaria e estatuaria

Mausoleus, xadrezes e marm'es nacionaes e estrangeiros para moveis, balões e frentes de estabelecimentos.

16, Rua Victor Cordon, 18

Lagado e cantarias para todas as construções, tubos de grés, cimentos de Portland, pozzolana dos Açores.

DEPOSITO

Rua 24 de Julho (á Ribeira Nova)

Basalto para calçadas, pedra para cal, telha e tijolo.

Deposito em Paço d'Arcos

PAPELARIA PALHARES

TYPOGRAPHIA-LITHOGRAPHIA

Unicos proprietarios das verdadeiras

Letras esmaltadas

Fornecedor das repartições do estado, camaras, escolas, ban'os, companhias, etc., etc. Deposito exclusivo do papel RAINHA D. AMELIA.

RUA DO OURO